



Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

FÉ & FUTEBOL: ESSE JOGO PODE SER JOGADO?

Gedeon Freire de Alencar ¹

Resumo

Do Olimpo na Grécia antiga, ao Itaquerão na ZL, em São Paulo, em 2014, muita coisa mudou. O esporte deixou de ser uma celebração divina? Nem tanto. Na Grécia não havia empreiteiras construindo estádios no duvidoso “padrão Fifa”, e naquela época, os atletas se apresentavam nus, sem camisa, calção, meia e chuteira, pois não precisam dispor de espaço para as logomarcas dos patrocinadores. Entretanto, o espaço dos estádios continua sendo um local *sagrado*, o time é *divino*, o jogador *idolatrado*, a camisa do time um *manto*, a música do time é um *hino*, a partida uma *liturgia*, o torcedor um *fiel*, o jogo uma *celebração*, assistir um *ritual*, a bola uma *oferenda*, o troféu um *totem* e o gol uma *epifania*! Há êxtase, devoção, lágrimas dor, sacrifício e histeria coletiva.

Palavras-chave: fé, futebol, jogo, sagrado, divino.

Abstract

From Olimpo in ancient Greece, to Itaquerão in ZL, in São Paulo, in 2014, much has changed. Is the sport no longer a divine celebration? Not so much. In Greece, there were no contractors building stadiums in the dubious "Fifa standard", and at that time, the athletes presented themselves naked, with no shirt, shorts, socks and boots, as they did not need to have space for the sponsors' logos. However, the space of the stadiums remains a sacred place, the team is divine, the idolized player, the team shirt a mantle, the team's music is a hymn, a liturgical departure, a faithful supporter, the game a celebration, attend a ritual, the ball an offering, the trophy a totem and the goal an epiphany! There is ecstasy, devotion, tears, pain, sacrifice and collective hysteria.

Keywords: faith, football, game, sacred, divine.

¹ Doutor em Ciência da Religião – PUC-SP, autor dos livros *Matriz Pentecostal Brasil. Assembleias de Deus -1911-2011*, SP, Novos Diálogos, 2013 e *Ecumenismos & Pentecostalismos: a relação entre o pescoço e a guilhotina?*, SP, Editora Recriar, 2018, membro da Rede Latinoamericana de Estudos Pentecostais – RELEP, do Grupo de Estudos do Protestantismo e Pentecostalismo – GEPP, na PUC-SP e da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina e Caribe – CEHILA. Agradeço a leitura e observações dos amigos Reinaldo Aguiar, Sergio, Marcus e Mario Mingoni.

Introdução

Na Copa de 1994, nos EUA, o Brasil se tornou Tetra Campeão Mundial. Ano da morte do Ayrton Senna e 24 anos depois de ter ganhado sua última copa, a de 1970, no México. O jogo final Brasil & Itália, dia 17 de julho, terminou 0 x 0, e, pela primeira vez na história, uma Copa seria decidida nos pênaltis. O time convocado pelo técnico Carlos Alberto Parreira tinha os seguintes nomes: Taffarel, Zetti, Gilmar, Ricardo Gomes, Ricardo Rocha, Aldair, Marcio Santos, Jorginho, Cafu, Branco, Leonardo, Raí, Dunga, Mauro Silva, Mazinho, Paulo Sergio, Bebeto, Romário, Muller, Viola e Ronaldo; desses 22 personagens, 7 eram Atletas de Cristo e, segundo Alex Dias Ribeiro, no livro *Quem venceu o Tetra?* “todos eram unânimes em admitir que a mão de Deus estava por trás de suas convocações”². A foto do goleiro da seleção, Taffarel, cristão, protestante evangélico, levantando as mãos para o céu, logo após o Baggio, budista, jogador da Itália, perder o pênalti se tornou paradigmática no universo evangélico e foi, inclusive, usada na capa do livro de Ribeiro, encimada pelo sugestivo título da obra que é um resumo épico da atuação da seleção, particularmente dos chamados Atletas de Cristo, de quem Ribeiro foi o capelão. Recheado de milagres, unções e revelações, o livro traz uma conclusão definitiva³: “Deus venceu a Copa de 1994”. A oração deles era: “Senhor, que vença essa Copa do Mundo o país que mais puder trazer maior honra e gloria ao teu nome...”⁴ (grifo no original); haja vista que, entre outras coisas, no final da partida a seleção inteira, abraçada, orou o “Pai Nosso”. O que foi testemunhado por bilhões de pessoas ao redor do mundo.

Uma Copa do Mundo, um campeonato nacional, estadual ou de várzea na periferia e amadora, se ganha no céu, no espaço etéreo das divindades, nas articulações insondáveis dos destinos, na bola ungida pelo pastor, nas oferendas para Iansã, nas designações transcendentais dos designios divinos, nas caminhadas para Aparecida, nas cartas esotéricas do Zodíaco, na eficácia ritual dos ebós, na força épica da oração,

² RIBEIRO, Alex Dias – *Quem venceu o tetra?*, São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p.13-14.

³ Alguns desses atletas frequentam igrejas pentecostais, no entanto, Alex Ribeiro não era, e não é ainda hoje, membro de igreja Pentecostal, portanto, é instigante sua divulgação e crença nesses fenômenos.

⁴ RIBEIRO, 1995, p. 80.

nas velas e frangos oferecidos a Xangó, nas promessas do Felipão para Nossa Senhora de Caravaggio, no sinal da cruz antes de entrar em campo, na reza/oração do Pai Nosso, ou nos díizimos oferecidos nos Carnês dos Gigantes da Fé?

Como é que esse jogo é jogado? Se magia ganha jogo/esporte⁵, qual a função, portanto, do preparo físico, da alimentação balanceada, da infraestrutura dos clubes, da atuação de médicos, fisioterapeutas, nutricionistas e massagistas, dos contratos de publicidade, dos investimentos milionários, dos esquemas táticos e, por fim, da comissão técnica? Afinal, um jogo – seja em qualquer esporte – é ganho pela magia ou pela técnica? Ou pelos dois juntos? Se pelos dois, qual a parte de cada um deles?

Nos tempos atuais, temos as mais diversas tecnologias desenvolvidas e usadas nos esportes: ressonância magnética, técnicas de fisioterapia, treinamento psicológico, preparo físico dos atletas, passes ensaiados que são (extra) ordinários. Há muita tecnologia, não há dúvida, mas ainda um jogo. Fundamentalmente caracterizado pela excepcionalidade do passe, ginga singular, drible desconcertante, lance fenomenal, toque genial; por isso mesmo é jogo. Sorte?

O aparato tecnológico presume tabela, previsibilidade, sequência, cronograma, exatidão de resultado, lógica, estatística, esquema, racionalidade, economia, calculabilidade, números. Futebol é contabilidade, campeonato é soma, gol é número. Ganha tem que saldo de gols, pois, assim fez o maior número de gols. A questão é, ao fim e ao cabo, numérica. Quantitativa. E, na Copa de 2018, ainda apareceu mais um elemento fundamental de objetividade: o VAR. Quem se interessa e quer ganhar apenas o título de *Campeão Moral* de bom comportamento⁶? Mas os jogos, tanto na Copa como do campeonato da escola, têm tudo isso. Emblemático esse universo. Há de se perguntar: jogo é certeza? Lance é acaso? Drible é treino? Marcação é competência? Jogada é causalidade? Troféu é aleatório? Gol é sorte? É? Afinal, o futebol é a “curvatura

⁵ Os teóricos fazem distinção entre *brincadeira-jogo-esporte*, em que a primeira é pai e filho batendo uma bola; jogo um grupo de amigos e/ou jogadores amadores se divertindo, por fim, esporte é uma prática profissional com tudo o que isso implica: regulamentos, tabelas, etc. propositalmente eu os estou misturando, pois, os profissionais – também eles – estão também se divertindo.

⁶ Quem se lembra do vencedor do Prêmio Fair Play que a FIFA dá ao “vencedor moral” pelo melhor espírito esportivo e pelo melhor comportamento dentro e fora do campo? Na Copa de 1986, o técnico do Brasil se declarou “campeão moral” diante da vitória da Argentina. Vale?

da reta e a quadratura do círculo”; é um “veneno remédio”⁷. Quantos times já entraram no campo como favoritos, mas perderam? Quantas zebras já aconteceram? É uma *técnica-mágica* e também uma *magia-técnica*⁸?

Por que Deus *ganharia* essa Copa? Mais grave, por que *perderia* aquela outra? Por que haveria de ganhar esse campeonato *nesse* ano e/ou local, mas não todos em todos tempos e lugares? E ainda mais, o que afinal, Deus *ganha* em *ganhar* um jogo? Como e por que esse jogo é jogado?

1 Síntese histórica do esporte: da manifestação divina grega ao rigor físico do puritanismo

Do Olimpo na Grécia antiga, ao Itaquerão na ZL, em São Paulo, em 2014, muito coisa mudou. O esporte deixou de ser uma celebração divina? Nem tanto. Na Grécia não haviam empreiteiras construindo estádios no duvidoso “padrão Fifa”, e naquela época os atletas se apresentavam nus, sem camisa, calção, meia e chuteira, pois não precisam dispor de espaço para as logomarcas dos patrocinadores. Entretanto, o espaço dos estádios continua sendo um local *sagrado*, o time é *divino*, o jogador *idolatrado*, a camisa do time um *manto*, a música do time é *hino*, a partida uma *liturgia*, o torcedor um *fiel*, o jogo uma *celebração*, assistir um *ritual*, a bola uma *oferenda*, o troféu um *totem* e o gol uma *epifania*! Há êxtase, devoção, lágrimas dor, sacrifício e histeria coletiva. Mudou? Mudou, mas convenhamos, o contexto se mantém muito parecido. Algo que o pesquisador Reinaldo Aguiar⁹ designa como a “religião esportiva”¹⁰.

Na Grécia, o critério era a beleza física, ou mais especificamente a “harmonia das formas”, portanto o símbolo do belo era a perfeição, segundo a definição de Aristóteles. Eles, então, se apresentavam nus para, mostrando seus corpos perfeitos, serem

⁷ WISNIK, Jose Miguel. *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*, São Paulo, Cia Letras, 2008, p.182.

⁸ Mesmo com diferenças óbvias, minha análise segue Weber em sua construção da magia-racional e da racionalidade mágica.

⁹ AGUIAR, Reinaldo. *Religião e Esportes: os atletas religiosos e a religião dos atletas*, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, UESP, 2004.

¹⁰ O time Uruguaí campeão da Copa de 1930 foi batizado de *Celeste Olímpia*, o goleiro Marcos, do Palmeiras, ganhou o título de *São Marcos*, o filme sobre o maior jogador do mundo se chama de *Pelé, o Eterno*, e o Maradona é, mesmo que somente para os argentinos, *Deus*!

verdadeiras oferendas aos deuses, afinal eles estavam no Olimpo, morada dos deuses. Os atuais atletas não são exatamente símbolos de beleza como eram os gregos, no caso do futebol, como diz o humorista Zé Simão, na Folha de S.Paulo, eles são “desbonitados”, “fracos de feição”. E se não são mais oferendas aos deuses no Olimpo, agora eles são os próprios deuses! São ídolos. Ademais, se a foto de algum deles foi lançada ao mar como oferenda, provavelmente, lemanjá devolverá!

No mundo medieval os esportes se tornaram exercícios físicos visando o adestramento militar para guerra.¹¹ Disso resulta, portanto, o componente instrumental e empirista que vai fundamentalmente marcar para sempre a perspectiva do esporte, não mais visando prioritariamente à beleza em si, mas o resultado pessoal e também coletivo. Utilitarista.

Modernamente, aprimorado e racionalizado pela ética protestante europeia, particularmente inglesa¹², objetivado fins puritanos: a ordenação dos corpos dos jovens nas escolas inglesas no século XIX.¹³ Disciplina a adestramento corporal para o bem estar pessoal numa prática objetiva de ascetismo;¹⁴ “mens sana in corpore sano”, mas também pela influência do moralismo puritano para cansar os adolescentes em seus horários de lazer. Extenuados por turnos de estudos e esforços físico excessivos, no retorno aos alojamentos caíam no sono e não se masturbavam¹⁵. Da desimportância do exercício físico como herança paulina “Porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir” (Paulo escrevendo a Timóteo, 4.8).

O ideal protestante reformado celebrava apenas o trabalho como exercício físico. Ordenador dos corpos, produtor de bens materiais, domesticador das vontades, essa “ética protestante do trabalho”, que Weber denomina de *ascese protestante intramundana*, indicava inclusive que o trabalho devia ser suspenso somente para

¹¹ BURKE, Peter – *Cultura Popular na Idade moderna*, São Paulo, Cia das Letras, 1989; WISNIK, Jose Miguel – *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*, SP, Cia Letras, 2008.

¹² Data de 1863, a Football Association (Wisnik, 2008, p.89).

¹³ WISNIK, 2008, p. 90-91

¹⁴ WEBER, Max – *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, São Paulo: Cia das Letras, 2004, p. 154.

¹⁵ Pode parecer folclore, mas essa é a síntese de um clássico manual de conduta (e terror) moral, leitura obrigatória para a juventude evangélica décadas atrás. O título *Mais puro que diamante*.

celebração ao divino. Para que perder tempo com exercício físico, se ele tem “pouco proveito”? Por isso mesmo o ócio era um dos maiores pecados, portanto, os feriados eram desencorajados, pois a combinação de “ausência de trabalho + ociosidade” = perigo de bebedeira, lascívia, preguiça e vadiagem. Nisso, aliás, entrou até a condenação das manifestações como o teatro¹⁶¹⁷.

Diante disso, os puritanos, defendiam sua peculiaridade mais decisiva: o princípio da vida ascética. Na verdade, aliás, a aversão do puritanismo ao esporte não era uma questão simplesmente de princípio, mesmo entre os quakers. Apenas devia servir a um fim racional: a necessária restauração da potência física. Já como simples meio de descontrair e descarregar impulsos indisciplinados, aí se tornava suspeito e, evidentemente, na medida em que fosse praticado por puro deleite ou despertando fissura agosnística, instintos brutais ou o prazer irracional de aposta, é evidente que o esporte se tornava ura e simplesmente condenável. O gozo instintivo da vida que em igual medida afasta do trabalho profissional e da devoção era, exatamente enquanto tal, o inimigo da ascese racional, quer ser apresentasse na forma de esporte “grã-fino” ou, da parte do homem comum, como frequência a bailes e tabernas.¹⁸ (grifo no original).

No século XX, isso foi ainda mais problematizado pelo escatologismo exacerbado, subproduto da passagem dos séculos e enfatizado nos períodos entre as duas grandes guerras mundiais.¹⁹ Afinal, se a piedade serve para essa vida e para a outra vida o exercício físico apenas – e pouco – para essa, e se Jesus está voltando agora, por que perder tempo com essas coisas? Acrescentam-se aí mais duas questões: primeiro a demonização do jogo, pois tudo o que envolvia tinha ação do Diabo – jogo de azar e jogo do bicho; e, segundo, o fato de que os jogos do futebol se realizarem quase sempre aos domingos (no período anterior à profissionalização), portanto, isso era uma “profanação” do dia do Senhor.²⁰

2 O futebol no Brasil - Jogo: magia ou técnica?

¹⁶ WEBER, 2004, p. 245.

¹⁷ O quadro *Os Dois Caminhos*, herança pietista influenciado pelo livro *O peregrino* (publicado pela primeira vez em 1678), de John Bunyan (1628-1688), coloca todos os elementos da diversão como teatro, cassino, baile, passeios e a “profanação do dia do Senhor” no *caminho largo*, o “caminho da perdição”.

¹⁸ WEBER, 2004, p.152.

¹⁹ ALENCAR, Gedeon – *Protestantismo Tupiniquim. Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*, Editora Recriar, 2013.

²⁰ ALENCAR, 2005.

“De maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol: e esse estilo é uma nova expressão de nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreográfico sinuoso e musical de técnicas europeias e norteamericanas, que são muito angulosas para nosso gosto – trata-se de técnicas, de jogo ou de arquitetura. Pois nosso tipo de mulatice (...) é inimigo do formalismo apolíneo, é dionisíaco na sua mobilidade” (Gilberto Freyre, citado por Rosenfeld, 1993, p. 100).

Existe uma maneira *brasileira* de jogar futebol²¹? Essa tecnologia apolínea abraçouse, assim, tornando uma mágica Dionísia? É um tema sem consenso, ainda mais quando o futebol se transformou em elemento global (Caldeira, 2002); polemicas à parte, que não serão objetos de nossa análise, nos interessa aqui como essa invenção inglesa foi *antropofagicamente abraçoadada*, pois, afinal, os ingleses inventaram o futebol, mas até agora ganharam apenas uma Copa e o Brasil já ganhou cinco. Se ganhar uma próxima, somente o Brasil poderá ser hexa campeão, afinal, Deus é brasileiro!

A questão é que a técnica inglesa espacialmente delimitada, com limites geográficos e regras disciplinares eticamente definidos²², com uniformes, horários e tempos cronometrados, são antropofagicamente aculturados em nossa “pelada”. Um fato social ímpar: sem limites de tempo e espaço, em qualquer local (campo, praia, morro, com grama ou sem grama, com “pelo” ou “sem pelo”), em qualquer quantidade de tempo ou sem nenhum tempo determinado; com ou sem camisa – uma blasfêmia contra o puritanismo inglês da uniformização, e, ainda mais grave, pode ser jogado anarquicamente sem regulamento ou sem nenhuma regra, ou com regras, absolutamente, contingenciais e passionadamente adequadas. E por fim, sem juiz? Afinal, regras e leis, no Brasil, existem para serem quebradas!

²¹ O Brasil ganhou cinco vezes (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), a Alemanha também cinco (1954, 1974, 1990, 2006 e 2014), a Itália ganhou três (1934, 1938 e 1982), o Uruguai (1930 e 1950), Argentina (1978 e 1986) e França duas vezes (1998 e 2018), e uma vez a Espanha (2010) e a “inventora” do futebol, Inglaterra apenas uma vez (1966).

²² Nessa mesma época surgem nas escolas inglesas o vôlei e basquete que continuam rigorosas em suas regras e limites espaciais.

Essas delimitações deontológicas da tradição protestante europeia nunca vigoraram no país do “rito frouxo”²³. É uma relativização do “formalismo apolíneo” para uma abrasileiração dionisíaca? É um jogo/brincadeira, competição/diversão, sério/lúdico, trabalho/lazer, enfrentamento/confraternização, disputa/amizade, pois é profissional/peladeiro? A deontologia puritana protestante é engolida pela “teologia da concessão católica”²⁴, nos falsos ou verdadeiros hibridismos da “dialética da malandragem” (Antônio Candido) e da interdependência entre a casa/rua e pessoa/individuo, na original análise do “dilema brasileiro” do Matta?²⁵. Ganhar ou perder é uma possibilidade real em qualquer jogo, senão não é jogo, é “gloria e drama” (Caldeira, 2002).

Por conseguinte, a imprevisibilidade, o acaso, a zebra, o imponderável é a natureza ontológica do jogo. E as razões são absolutamente (im) previsíveis. A bola furar, o placar apagar, um vento desviar a bola, um jogador tem um ataque do coração, uma fisgada na perna, um bandeirinha ver ou não ver o impedimento, um juiz ser comprado ou vendido, o técnico impedir a entrada/saída de um jogador por causa de seu patrocinador, o horário do jogo ser alterado por conta da programação da TV, uma escalação (des)obedecer aos interesses políticos e/ou econômicos, o goleiro sofrer um frango, o cadarço da chuteira desamarrar, o efeito retardatório da feijoada, mau posicionamento do zagueiro, desalinhamento da grama, desatenção da defesa, e ainda o mais inusitado: o jogo não acontecer.

No futebol, diferentemente de outros esportes, ainda existe a possibilidade do empate. Nesse caso há um paradoxo: os dois times ganham e perdem simultaneamente. Tem lógica isso? Tem. Uma outra lógica, visto que teologia, engenharia e quaisquer outras ciências tem suas especificidades, lógicas próprias. No futebol existe a “curvatura da reta” que, apesar de paradoxal, é lógica dentro do universo a que pertence. Em caso de empate, em qual dos times Deus estaria jogando?

²³ HOLANDA, 1999, p. 151. Nesse texto de 1936, Sergio Buarque de Holanda (1999:101) cita um missionário europeu dizendo: “é que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo e o puritanismo jamais florescerão nos trópicos”.

²⁴ HOLANDA, 1999

²⁵ DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro: Guanabara, 1990.

Agora se Deus, Xangó, São Jorge, Nossa Senhora de Caravaggio ou qualquer outra divindade estiver ajudando/jogando com determinado time, qual a chance do outro?²⁶ Como na oração do Mazinho na Copa de 1994: “Senhor, eu sei que o Senhor está correndo em direção ao gol. Que te dizer que estou correndo junto, de olho no lance e pronto para fazer tabelinha contigo”. E Ribeiro acrescenta: “A fé dele me impressionou tanto que, no fim desta oração, arrisquei a profetizar com toda convicção: nós vamos ganhar esse treta em nome de Jesus!”²⁷. Parodiando e ampliando a famosa frase: “Se macumba ganhasse jogo o campeonato baiano terminaria empatado”; agora com jogadores evangélicos em quase todos os times, poderíamos dizer: “Se oração ganhasse o campeonato brasileiro terminaria empatado!”.

3 Pajelança gospel e consumismo sazonal

Fitas do Senhor do Bonfim e a lavagem das escadarias da mesma igreja se tornaram marcos culturais. Da lavagem não temos – ainda – uma versão gospel, mas das fitas, sim. Em igrejas evangélicas são distribuídas amuletos em forma de fitas sagradas, sabonetes santificados, flores consagradas, lenços abençoados, meias unguidas, sol grosso. Na *Bola de Neve Church* aconteceu uma conferência com nomes internacionais. O cartaz trazia a seguinte informação “curas, milagres, ativação profética, liberação de destinos e transferência de unção”. Um primor de comunicação moderna evocando a nacionalidade (“e + 80 americanos”, portanto, gente “cultura” e “moderna”) e a quantidade (mais de 80 americanos orando e unguindo produziram um efeito quantitativo maior?), realizando, assim, uma mega pajelança gospel inusitada, pois, curas e milagres fazem parte do ethos pentecostal há séculos, porém “ativação profética, liberação de destinos e transferência de unção”, são novidades.

Os esportes em geral são caracterizados por *vitórias* e *perdas* sazonais; afinal como explicar que um time seja campeão mundial em uma Copa e, na seguinte, caia desclassificado na primeira rodada? O que diríamos de um time que é campeão nacional

²⁶ Isso deveria trazer uma pergunta importantíssima para um atleta que tenha a mínima pretensão ética crista. Seria pedir muito?

²⁷ RIBEIRO, 1995, p. 60

em um ano, mas no seguinte caia para segunda divisão? É jogo. Ganha-se e perde-se na próxima. Faz parte do jogo. Isso traz uma naturalização do imponderável; “pode ser, mas pode não ser, mas o que for será”. Deu certo? Ótimo. Não deu? Tenta-se outra coisa, outra vez. Portanto, fazer uma “ativação profética” ou uma “transferência de unção” é um evento marcado por uma sazonalidade e efemeridade intrínseca. Funciona? Quem vai lembrar-se disso um ano depois? Ademais, se não funcionar dessa vez, da próxima quem sabe, em outro evento, noutra igreja noutra terreiro... Não ganhou o jogo nesse final de semana? Há o próximo. Perdeu o campeonato estadual desse ano? Há o nacional no ano seguinte, e também a Libertadores e o campeonato do bairro. E o troféu ganho como campo do segundo do turno da terceira divisão vai apenas entulhar ainda mais a sala. É tão útil como uma “transferência de unção” com data de validade? Por isso que todos os anos há campeonato, e em todos os eventos curas. Milagres em nosso tempo atual é igual a jogo de futebol, virou “carne de vaca”. Acontecem todos os dias em todos os lugares. Todavia, a poeira do esquecimento e da vulgarização insiste em aparecer todos os anos. Em todos os lugares.

O efeito evangelístico global “para honra e gloria de Deus” da foto e do vídeo de um grupo de joelhos orando “Pai Nosso” após o jogo é tão verdadeiro quanto a alteração social causada pela camiseta do Cafu, ao erguer a Taça de Campeão no mundo na Copa, com os dizeres “100% Jardim Irene”. A imagem fica para posteridade e o efeito tem a durabilidade de um flash. Tao efetiva em sua transformação social e apelo evangelístico como o Cristo Redentor no Rio de Janeiro desde 1930.

Os jogos e campeonatos perdidos ou ganhos - e não podemos esquecer dos empates (ah, os empates...) – eufemizam esse consumo de bens simbólicos das novidades, como por exemplo o da “ativação profética”. É somente mais um item na cesta básica de consumo gospel. Mimetizando a velha máxima da economia: o preço oscila proporcionalmente à relação oferta-procura.

4 A mão divina no jogo: um modelo de “ética maradoniana”

Maradona já disse publicamente, mais de uma vez, que seu gol de mão na Copa de 1986 foi a “mão de Deus”. Cinismo à parte, como ele é considerado divino na Argentina aqui ele foi – e apenas aqui – honesto. No entanto, isso pode ser um parâmetro: a participação divina no futebol é fundamental numa “ética maradoniana”. Mas no Brasil também temos paralelo como no modelo da Lei de Gerson: levar vantagem em tudo, ou mais folcloricamente como no Macunaíma, a celebração do “herói sem nenhum caráter”. Importa o resultado, não os meios de chegar lá. Na “dialética da malandragem” há uma ambiguidade entre a ordem a desordem como marca cultural.²⁸ Sem nenhum purismo, isso é fundamental para o futebol. Aliás, para qualquer jogo. Jogo é sinônimo – também – de trapacear; é a natureza ontológica do jogo. Manobra, jogada, artimanha, manipulação, adiposidade, astúcia, dissimulação, esperteza, encantamento – é do jogo. É jogo.

5 A função social da magia: prestação de serviços individuais e práticos

Qual eficácia simbólica de um jogo de futebol, principalmente se for numa Copa? No Brasil é visível²⁹: avenidas esvaziadas, fabricas com suspensão de trabalho, a nação inteira canta o hino nacional. Êxtase coletivo quando acontece um gol. “Cimento social”, na expressão de Durkheim (embora ele não estive falando de futebol), produtor de identidade e coesão social, evento de inequívoca natureza coletiva. Nesse caso, futebol inerentemente grupal, urbano, racionalizado, não deveria, então, ser um dos fenômenos sociais mais produtores do “desencantamento do mundo”?

Pierucci (2003) analisando essa expressão, que ele prefere “desmagificação”, acentua que esse processo se dá em duas etapas: primeiro, pela religião (no caso, o protestantismo ascético, herdeiro do cristianismo e da racionalização do profetismo judaico); segundo, pela ciência. Como já indicado, os esportes modernos têm uma grande dose de “desencantamento” (protestante inglês), e também causa disso foram e,

²⁸ CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

²⁹ O assombro foi duplo quando em 2012, na Costa Rica, uma senhora me identificou como brasileiro e quis saber se era verdade, como viu na TV, que o Brasil parava para assistir um jogo na Copa: “*Las oficinas, las fabricas, del gobierno? Todos se detienen a ver um partido? !Dias mio!*”. E eu, do outro lado, tão assombrado quanto: “*Como não assistir os jogos na Copa!*”.

são cada dia mais, cientificizados. Racionalizados. Hoje envolvem muito dinheiro, tecnologia, publicidade com números astronômicos, são símbolos da mais plena racionalização econômica.³⁰ A bola usada na Copa em 1930 tem em comum com os modelos atuais apenas a esfericidade; da mesma forma os tecidos dos uniformes, as chuteiras. Magia? Não necessariamente materializada em bruxas, formulas magicas, caldeirões com ossos, velas e amuletos; hoje é uma *bruxaria hitec*, em que se fabrica um ídolo em trinta segundos; se (des)constrói um herói com uma imagem, são tempos em que um garoto franzino e pobre é selecionado na peneira de um time e, por antecipação, assina um contrato milionário para os anos seguintes, ou meses ou dias. Conquanto os milhões de outros meninos venham ser descartados, e esse jogador fature sozinho em um contrato o que milhares de outros jogadores não ganharão uma vida inteira. Nada mais magico e enfeitiçador; o ganhador ganha e os perdedores continuam crendo que poderão também ganhar.

O que é uma coisa magica? Algo com alguma excepcionalidade ou um falseamento do real. Um feitiço (sem juízo de valor) é a possibilidade de um beneficio individual. O feiticeiro, segundo a tipologia weberiana, serve a indivíduos em seu saber empírico e contingencial, sem nenhuma relação institucional com grupos; sem clero e sem doutrina, apenas para beneficio de seus clientes na operacionalidade da *magia*.³¹

Considerações finais

Por fim, como explicar por que – o porquê – 22 jogadores, divididos em dois grupos de 11, durante dois tempos de 45 minutos, com uma bola no pê, numa atividade absolutamente efêmera, possam levar ao jogo do jogo 50 mil ou 100 mil pessoas, além de alguns bilhões assistindo na TV, e que no final do jogo o resultado pode ser zero a zero? Só pode ser milagre. Magia. Parodiando nossos hermanos, celebrando a frase

³⁰ CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo: gloria e drama no futebol globalizado**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

³¹ PIERUCCI, Antônio Flavio. **Magia**. São Paulo: Folha Editora, 2001. p. 62 “Magia é menos um sistema de crenças e mais um conjunto de praticas”.

famosa de Miguel de Cervantes (1547-1606), no Dom Quixote: “*Yo no creo em brujas, pero que las hay, las hay*”. E a pergunta continua, Deus joga esse jogo?

Referências

AGUIAR, Reinaldo – *Religião e Esportes: os atletas religiosos e a religião dos atletas*, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, UMES, 2004.

ALENCAR, Gedeon – *Protestantismo Tupiniquim. Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*, Editora Recriar, 2013.

BURKE, Peter – *Cultura Popular na Idade moderna*, São Paulo, Cia das Letras, 1989.

CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

DAMATTA, Roberto – *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*, RJ, Guanabara, 1990.

PIERUCCI, Antônio Flavio. **Magia**. São Paulo: Folha Editora, 2001.

_____. *O desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito em Max Weber*, SP, Editora 34, 2003.

RIBEIRO, Alex Dias – *Quem venceu o tetra?*, São Paulo, Mundo Cristão, 1995.

ROSENFELD, Anatol – *Negro, macumba e futebol*, SP, Editora Perspectiva, 1993.

WEBER, Max – *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, SP, Cia das Letras, 2004.

WISNIK, Jose Miguel – *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*, SP, Cia Letras, 2008.